

Governistas confirmam Renan no Senado

TINA VIEIRA E SÉRGIO PARDELLAS
BRASÍLIA

Valter Campanato/ABR

A primeira disputa travada entre governistas e oposicionistas, no Congresso reaberto ontem, resultou num banho de votos da coalizão que apóia o presidente Lula: por 51 a 28, o senador peemedebista Renan Calheiros (AL) derrotou o candidato José Agripino Maia, do PFL, e conquistou um novo mandato de dois anos na presidência do Senado. O total de votos obtidos por Maia foi inferior ao número de senadores do PSDB e do PFL, o que significa que Calheiros, favorito desde o início da disputa, foi reeleito pela base governista com o reforço de alguns oposicionistas.

Em discurso posterior à vitória, Calheiros sugeriu aos senadores a tarefa de aprofundar o que chamou de "inserção mais incisiva nas grandes questões do País", em favor do crescimento econômico. Citou, como parte daquela tarefa, o exame das Parcerias Público-Privadas, a luta "contra burocracia e desperdícios" e aprimoramentos "indispensáveis" às propostas gover-



Calheiros cumprimenta seu novo colega, Fernando Collor de Mello

namentais incluídas no PAC.

Antes da votação, o presidente do Senado anunciou que pretende lutar pela independência, autonomia e transparência do Congresso Nacional. Renan disse que o Senado esteve sintonizado com a sociedade, mesmo diante dos escândalos políticos que atingiram parlamentares nos últimos dois anos. "Quem morreu não foi a ética, quem apodreceu foi o nosso sistema político. O Senado em nenhum momento deu costas à sociedade. O Senado não se furtará quantas vezes

for instado", afirmou. O senador criticou o excesso de medidas provisórias editadas pelo Executivo, mas afirmou que, durante o seu mandato à frente da Casa, o Senado aprovou medidas para evitar o trancamento das pautas de votações por MPs.

Há dois anos, para se eleger presidente do Senado, Calheiros conquistou apoios no PFL e no PSDB e conseguiu superar um veto do então poderoso chefe da Casa Civil, José Dirceu. Seis meses depois, tornou-se personagem de imensa utilidade para

o governo. Atropelando a direção do PMDB, próxima ao PSDB, o grupo de Calheiros deu uma base mínima a Lula no Senado, garantiu a eleição de Aldo Rebelo na Câmara e implodiu a candidatura peemedebista de Anthony Garotinho ao Planalto.

Agripino Maia, derrotado, afirmou que a reeleição de Calheiros foi uma vitória do Palácio do Planalto. Perguntado sobre se houve interferência do Palácio do Planalto na eleição do Senado, Agripino afirmou que sim. "Não há nenhuma dúvida, se me perguntarem que tipo de interferência, não saberei precisar, mas sei que há troca de favores", afirmou Maia.

O senador prometeu que a oposição cobrará os compromissos assumidos por Calheiros em relação à independência do Legislativo. "O Congresso não pode continuar adotando a postura passiva que até hoje adotou, recebendo uma medida provisória (MPs) após a outra e entregando as relatorias dessas MPs aos senadores aliados ao Planalto, estimulando a edição de novas dessas medidas", reclamou.

GAZETA MERCANTIL 02 FEV 2007